

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

CAROLINA DEPELEGRIN

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA DE
ANIMAIS SILVESTRES E *PETS* NÃO CONVENCIONAIS**

CAXIAS DO SUL

2020

CAROLINA DEPELEGRIN

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA DE
ANIMAIS SILVESTRES E *PETS* NÃO CONVENCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Medicina Veterinária
apresentado como requisito para obtenção
de título de Médico Veterinário pela
Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Laitano
Dias de Castro.

CAXIAS DO SUL

2020

CAROLINA DEPELEGRIN

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA
ANIMAIS SILVESTRES E *PETS* NÃO CONVENCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Medicina Veterinária
apresentado como requisito para obtenção
de título de Médico Veterinário pela
Universidade de Caxias do Sul.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra Luciana Laitano Dias de Castro

Profa. Juliana Aquino Pletsch

Med. Vet. Camila Machado Andreazza

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que não mediram esforços e através de incentivos colaboraram para a realização do meu sonho: me tornar médica veterinária. A minha mãe Elizete que recebia com carinho meus colegas para estudos em finais de semana e meu pai, seu João, que apesar de todos os momentos difíceis sempre me apoiou e me motivou.

Agradeço aos meus irmãos: a caçula Daniela, que sempre soube o conselho certo na hora certa, sendo uma parceira e amiga maravilhosa. Minha gêmea, Carla, que me acompanhou durante toda a minha trajetória, desde a escola até a faculdade, sendo minha colega de turma no início do curso. Nossa parceria não terminou quando ela mudou de cidade, pois continuou sendo minha colega de curso e minha companheira em congressos, estudos e eventos, além de me ensinar sobre felinos. Meu irmão mais velho, Carlos, que me ajudou de diversas maneiras, sempre estava disponível para me dar uma carona, evitando diversas vezes que eu chegasse atrasada nas aulas e também sempre foi compreensivo, entendendo quando eu não podia sair com ele pois precisava estudar.

Ao Wanderley, que além de colega de curso, tornou-se um irmão para mim. A minha grande amiga e colega, Alana, companheira de todas as horas. Aos meus colegas do GEAS, Felipe, Alessandra, Maria, Olivia, Mayana que começaram esse projeto lindo junto comigo e posso considerar grandes amigos e colegas na área de animais silvestres. As minhas amigas Laura e Melissa, pelo apoio durante o complicado período de elaboração desse relatório.

A Manoela e ao Eduardo, veterinários que, durante a minha graduação, possibilitaram que eu vivenciasse na prática a rotina de uma clínica veterinária, através de estágios extracurriculares. Além disso, tornaram-se meus grandes amigos.

A Doutora Gleide e a toda a equipe da Clínica Veterinária Toca dos Bichos, que me acolheram e fizeram com que eu me sentisse em casa durante o período do estágio curricular.

Agradeço a minha orientadora, Professora Luciana, desde o sétimo semestre da graduação, quando fui sua estagiária, até a orientação na elaboração desse relatório.

RESUMO

O estágio curricular foi realizado na área de clínica médica de animais silvestres e *pets* não convencionais na clínica veterinária Toca dos Bichos, localizada em Porto Alegre, em dois períodos, de 10 de fevereiro a 19 de março, e de 13 de maio a 30 de junho de 2020, totalizando 480 horas. O estágio teve a supervisão da Médica Veterinária Gleide Marsicano e foi orientado pela professora Dra. Luciana Laitano Dias de Castro. Durante o período de estágio foi possível acompanhar, principalmente, a rotina clínica, bem como as funções compatíveis a internação, como confecção e trocas de talas, curativos, oxigenioterapia, fluidoterapia subcutânea e endovenosa, limpeza de feridas, separação de animais silvestres para destinação, pesagem regular, principalmente dos filhotes para acompanhar o desenvolvimento. Além das atividades desenvolvidas, a casuística dos atendimentos acompanhados foi de 81 *pets* não convencionais, sendo 53% mamíferos, 35% aves e 12% répteis, e recebimento, atendimento e reabilitação de 298 animais de vida livre, pelo projeto Voluntários da Fauna, sendo esses 73% aves, 22% mamíferos e 5% répteis. Foram escolhidos dois casos para relatar devido à grande ocorrência de ambos na clínica de *pets* não convencionais, um sobre abscesso submandibular em coelho e outro sobre distocia em jabuti-piranga. O estágio promoveu crescimento profissional, com o aprendizado prático dessa área de interesse que não é amplamente abrangida dentro do curso e também crescimento pessoal acompanhando profissionais com diferentes metodologias de trabalho e desenvolvendo um senso crítico sobre a profissão.

Palavras-chave: *Pets* não convencionais. Silvestres. Lagomorfos. Odontologia. Distocia. Jabuti-Piranga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	13
Figura 2 – Recepção da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	14
Figura 3 – Consultórios da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	15
Figura 4 – Bloco cirúrgico de Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	15
Figura 5 – Sala de pós operatório da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	15
Figura 6 – Cozinha/área de nutrição da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	16
Figura 7 – Sala de Internação (A) e Sala de apoio (B) Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	17
Figura 8 – Recintos externos da Clínica Veterinária Toca dos Bichos, Projeto Voluntários da Fauna.....	17
Figura 9 – Algumas gaiolas extras utilizadas para a acomodação dos pacientes Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	17
Figura 10 – Mini laboratório de análises clínicas da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	18
Figura 11 – Radiografia de crânio de coelho (<i>Oryctolagus cuniculus</i>) atendido na Clínica Veterinária Toca dos Bichos. Linha vermelha indica alongamento da apical superior e linha amarela má oclusão.....	32
Figura 12 – Paciente antes da realização do procedimento cirúrgico, observa-se o aumento de volume submandibular no lado direito da face.....	33
Figura 13 – Paciente após a realização da marsupialização.....	34
Figura 14 – Paciente durante a revisão, onze dias após o procedimento, onde o mesmo teve que ser sedado para limpeza com o profissional.....	35
Figura 15 – Paciente após o tratamento para abscesso dentário, três meses após o primeiro atendimento na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	35
Figura 16 – Radiografia de uma jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>), fêmea, em projeção ventrodorsal, apresentando dois ovos retidos, sendo um deles de menor tamanho e apresentando deformidades na conformação.....	40
Figura 17 – (A) Ovo de jabuti-piranga minutos após a postura, apresentando casca espessa, porém frágil. (B) Jabuti-piranga no momento da postura do segundo ovo. (C) Segundo ovos de jabuti-piranga logo após a postura...	41

Figura 18 – Radiografia de uma jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), fêmea, em projeção ventrodorsal, apresentando apenas a presença de fezes.....41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedimentos acompanhados ou realizados durante o período de estágio curricular em clínica médica de animais silvestres e <i>pets</i> não convencionais na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	20
Tabela 2 – Distribuição e total de casos em <i>pets</i> não convencionais classificados por espécie acompanhados na rotina do estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	21
Tabela 3 – Distribuição dos casos acompanhados em animais silvestres, atendidos pelo projeto Voluntários da Fauna, durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	22
Tabela 3 – Afecções tegumentares acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	22
Tabela 4 – Afecções respiratórias acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	23
Tabela 5 – Afecções gastrointestinais e hepáticas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	23
Tabela 6 - Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	24
Tabela 7 – Afecções geniturinárias acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	24
Tabela 8 - Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	24
Tabela 9 - Afecções nervosas e sensoriais acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	25
Tabela 10 - Afecções nutricionais acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	25
Tabela 11 – Outras afecções acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	26

Tabela 12– Distribuição das espécies acompanhados em animais atendidos pelo projeto Voluntários da Fauna, durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	27
Tabela 13 – Motivo dos recebimentos dos animais atendidos pelo Projeto Voluntários da Fauna, organizados por tipo de conflito.....	29
Tabela 14 – Destinação dos animais atendidos pelo Projeto Voluntários da Fauna, acompanhados durante o estágio curricular, na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.....	30

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Percentual de atendimentos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na clínica veterinária Toca dos Bichos, de acordo com a classe.....21
- Gráfico 2 – Casos clínicos acompanhados durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos, conforme sistema acometido.....22
- Gráfico 3 – Representação gráfica dos animais oriundos de vida livre recebidos pelo projeto Voluntários da Fauna, durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos dividida pela classe.....26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B.I.D	<i>Bis In Die</i> (duas vezes ao dia)
IBAMA Renováveis	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
kg	Quilograma
mg/kg	Miligrama por quilo
ONG	Organização não governamental
RS	Rio Grande do Sul
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura
S.I.D	<i>Semel In Die</i> (uma vez ao dia)
SMAM	Secretaria Municipal de Meio Ambiente
T.I.D	<i>Ter In Die</i> (três vezes ao dia)
UI	Unidades internacionais
PCR	Reação em cadeia da polimerase

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	13
3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA ACOMPANHADA	19
3.1	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	19
3.2	CASUÍSTICA ACOMPANHADA.....	20
4	RELATOS DE CASOS CLÍNICOS	31
4.1	ABSCESO SUBMANDIBULAR EM COELHO	31
4.1.1	Relato de caso.....	32
4.1.2	Discussão	36
4.1.3	Conclusão.....	38
4.2	DISTOCIA EM UM JABUTI-PIRANGA (<i>Chelonoidis carbonaria</i>).....	39
4.2.1	Relato de caso.....	40
4.2.2	Discussão	42
4.2.3	Conclusão.....	43
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXO A – LAUDO DO EXAME BACTERIOLÓGICO E TESTE DE SENSIBILIDADE AO ANTIMICROBIANO <i>Pseudomonas</i> sp EM MATERIAL COLETADO DO ABSCESO SUBMANDIBULAR DE COELHO.	48
	ANEXO B – LAUDO RADIOGRÁFICO DE UM JABUTI-PIRANGA (<i>Chelonoidis carbonaria</i>) COM DISTOCIA.	49
	ANEXO C – LAUDO RADIOGRÁFICO DE UM JABUTI-PIRANGA (<i>Chelonoidis carbonaria</i>) APÓS A POSTURA TOTAL DOS OVOS.	50

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório é o momento da graduação em que o aluno coloca em prática o que aprendeu durante o curso, tem como objetivo proporcionar a realidade profissional do dia-a-dia como Médico Veterinário, acompanhando profissionais com diferentes metodologias de trabalho e desenvolvendo um senso crítico sobre a profissão. Além das vivências profissionais, o crescimento pessoal é algo importante que o estágio proporciona, gerando um convívio com diversos colegas e com tutores com diferentes personalidades.

A escolha da área do estágio foi feita a partir do interesse pessoal, adquirido durante a graduação, em Clínica Médica de Animais Silvestres. O atendimento de animais silvestres e *pets* não convencionais vem crescendo na rotina clínica e está em constante expansão, assim necessitando de profissionais capacitados para atuarem na área. O local escolhido foi a Clínica Veterinária Toca dos Bichos, localizada em Porto Alegre, RS, o período de realização foi em duas etapas, do dia 10 de fevereiro ao dia 19 de março de 2020, e do dia 13 de maio ao dia 30 de junho, totalizando 480 horas, sob a supervisão da Médica Veterinária Ms. Gleide Marsicano e orientação da Profa. Dra. Luciana Laitano Dias de Castro. O motivo de escolha do local foi por saber do grande fluxo de atendimentos na área de animais silvestres e *pets* não convencionais. Além da elevada rotina clínica, o local proporciona bastante autonomia para os estagiários curriculares desenvolverem as atividades, sempre auxiliando e disponibilizando-se quando existe alguma dificuldade.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a estrutura do local, as atividades realizadas no período do estágio, a casuística acompanhada, assim como relatar um caso de abscesso submandibular em coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e um caso de distocia em Jabuti-Piranga (*Chelonoidis carbonaria*).

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

O estágio curricular obrigatório foi realizado no período de 10 de fevereiro ao dia 19 de março e do dia 13 de maio ao dia 30 de junho de 2020, na área de clínica médica de animais silvestres na Clínica Veterinária Toca dos Bichos, totalizando 480 horas. A clínica localizava-se em Porto Alegre, RS, na Rua Marechal José Inácio da Silva, número 404, no bairro Higienópolis (Figura1), com horário de atendimento de segunda-feira à sexta-feira das 08:00 às 21:00, sem fechar ao meio dia, e nos sábados, domingos e feriados das 08:00 às 18:00, possuindo um *petshop* que encontrava-se no prédio ao lado.

Figura 1 – Fachada da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

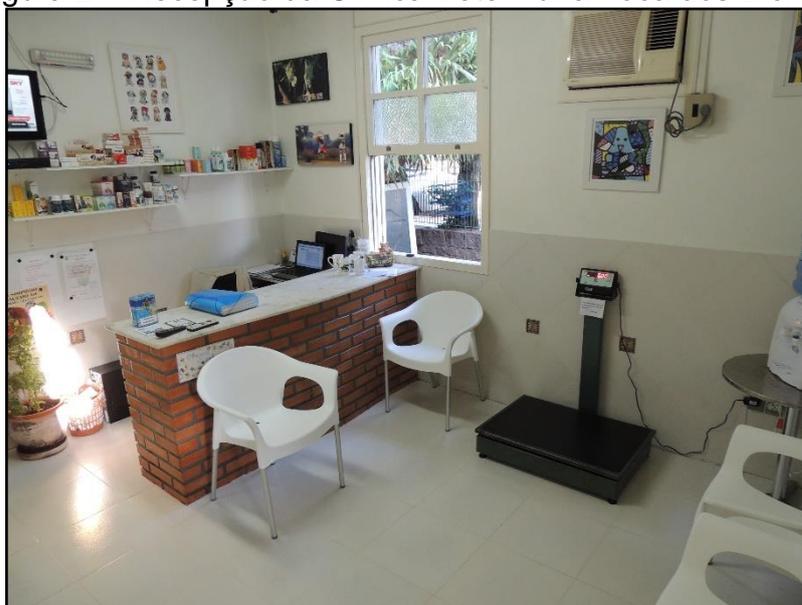
A Clínica Veterinária Toca dos Bichos foi fundada em 1987, sendo a primeira de Porto Alegre a atender animais domésticos, silvestres e *pets* não convencionais. Desde a sua criação, além do serviço a estes animais também atende animais silvestres encaminhados pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAM), Organizações não governamentais (ONG'S) e pela população local. Em 2017, o Projeto Voluntários da Fauna foi oficializado, visando a conscientização da população sobre a importância da conservação ambiental. No ano de 2019, o projeto recebeu cerca de 3427 animais de vida livre, mamíferos, répteis e aves pertencentes a fauna brasileira. Estes, eram avaliados e, caso necessário, realizado o tratamento, após sua recuperação, eram destinados para locais adequados, sendo que muitos deles

conseguiam retornar ao seu habitat natural. Essa destinação era feita sempre com autorização dos órgãos competentes.

A equipe da Clínica Veterinária Toca dos Bichos era composta por 11 médicos veterinários, entre eles, anestesistas, cirurgiões e clínicos que se alternavam no atendimento e trabalhavam nos finais de semana e feriados em plantões por escalas. Também pertenciam a equipe três recepcionistas, dois funcionários tratadores e responsáveis pela limpeza, três estagiários curriculares e diversos estagiários voluntários. Além desta equipe fixa, a clínica contava com profissionais terceirizados que trabalhavam com hora marcada, como de ultrassonografia, de radiografia e cardiologia. Os exames citológicos, patológicos e bacteriológicos eram enviados para laboratórios parceiros, alguns exames hematológicos eram realizados em uma sala anexa à clínica, onde existia um mini laboratório para processamento das amostras.

O espaço físico da clínica era composto pela recepção (Figura 2), onde realizava-se um cadastro no sistema de modo online *VetBase*. Nesse espaço havia também uma pequena farmácia com medicamentos para venda e alguns produtos como rações, além de uma balança para pesagem dos pacientes.

Figura 2 – Recepção da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Site Clínica Veterinária Toca dos Bichos (2020).

Em salas localizadas ao lado da recepção, encontravam-se dois consultórios (Figura 3), que seguiam o mesmo padrão, sendo equipados por mesa de atendimento para conversa com tutor, computador, armário com medicamentos, pia, mesa para

atendimento dos animais com armário que possuía itens de uso de rotina. Além disso, também era possível encontrar alguns livros para consulta.

Figura 3 – Consultórios da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Site Clínica Veterinária Toca dos Bichos (2020).

O corredor lateral localizava-se entre o lavabo e o bloco cirúrgico (Figura 4), ao lado do bloco, existia uma sala pré-cirúrgica ou sala de apoio, nela eram realizadas coletas de sangue, venóclises, cortes simples de unhas e bicos, entre outros procedimentos ambulatoriais. Ao lado da sala de apoio havia o acesso a sala de pós operatório (Figura 5), com seis baias para pacientes pós cirúrgicos em observação, contava com uma pia para lavagem de materiais cirúrgicos e o armário principal de medicamentos utilizados para os internos.

Figura 4 – Bloco cirúrgico de Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Site Clínica Veterinária Toca dos Bichos (2020).

Figura 5 – Sala de pós operatório da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A cozinha/área da nutrição era composta por pia, micro-ondas, jarra elétrica, geladeira, autoclave e armários com itens necessários para a preparação de alimentos (Figura 6).

Figura 6 – Cozinha/área de nutrição da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A internação (Figura 7A) situava-se em uma ala separada do restante da clínica, a sala era composta por 19 baias fixas e uma outra sala com mais oito baias que eram utilizadas como sala de apoio/isolamento (Figura 7B) com pia própria para lavagem de materiais proveniente dessas baias. No final dessa sala de isolamento havia um recinto de treinamento de voo, situado na lateral da clínica para aves silvestres. Como a clínica não possuía isolamento para pequenos animais, os animais

com suspeita de doenças infectocontagiosas, cães com doenças virais, eram encaminhados para clínicas de preferência do cliente.

Figura 7 – Sala de Internação (A) e Sala de apoio (B) Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Site Clínica Veterinária Toca dos Bichos (2020).

A clínica possuía cinco recintos de reabilitação (Figura 8) para animais silvestres do Projeto Voluntários da Fauna, estes estavam distribuídos pelo solário da mesma.

Figura 8 – Recintos externos da Clínica Veterinária Toca dos Bichos, Projeto Voluntários da Fauna.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Além desses recintos e baias citadas, a clínica ainda possuía grande quantidade de gaiolas para aves, roedores e lagomorfos, que eram utilizadas conforme a demanda de internos (Figura 9). Além de aquários geralmente utilizados para pequenos répteis.

Figura 9 – Algumas gaiolas extras utilizadas para a acomodação dos pacientes Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Existia um mini laboratório (Figura 10), em uma sala anexa à clínica, onde eram realizados o processamento e análises de algumas amostras hematológicas, também contava com um refrigerador para armazenamento de amostras biológicas. A clínica também contava com uma mini biblioteca para consulta dos veterinários e estagiários.

Figura 10 – Mini laboratório de análises clínicas da Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA ACOMPANHADA

3.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A clínica funcionava das 08:00 às 21:00 horas e as atividades dos estagiários curriculares eram das 08:00 às 17:00 horas com intervalos de almoço. Cada estagiário curricular acompanhava preferencialmente o seu orientador, podendo também participar das consultas de outros veterinários, tendo prioridade para realizar procedimentos e consultas de seu interesse em comparação aos outros estagiários. O estágio foi focado nos atendimentos clínicos, porém foi possível acompanhar procedimentos cirúrgicos e auxiliar na internação.

No acompanhamento durante as consultas o estagiário observava o atendimento e, quando solicitado, auxiliava o profissional na pesagem, aferição de temperatura, contenção, coleta de sangue e administração de medicamentos aos pacientes. Após a saída do tutor da consulta, era responsabilidade do estagiário a higienização das mesas de atendimento, bem como recolhimento e descarte correto de agulhas, seringas, algodões, gazes, etc.

Na internação o estagiário curricular prestava auxílio ao veterinário da internação e aos estagiários voluntários. Depois de algumas semanas de experiência, o estagiário curricular era autorizado a realizar a avaliação nos animais silvestres que chegavam pelo projeto Voluntários da Fauna, realizando o exame físico geral. Após, era passado as informações para o veterinário responsável pelos animais internados. Outras atividades realizadas nesse setor eram a contenção dos animais, aplicação de medicações subcutâneas, endovenosas e intramusculares, venoclises, higienização de baias e alimentação via sonda. Era também de extrema importância o preenchimento das fichas de internação a cada turno, com informações sobre ingesta alimentar, avaliação da urina e fezes e o comportamento de cada indivíduo.

Além dessas atividades, com supervisão de um médico veterinário, o estagiário curricular tinha autonomia para confecção e trocas de talas, curativos, oxigenioterapia, fluidoterapia subcutânea e endovenosa, limpeza de feridas, separação de animais silvestres para destinação, pesagem regular, principalmente dos filhotes para acompanhar desenvolvimento corporal. Outras atividades extras que tive a oportunidade de realizar, foram a confecção de materiais para enriquecimento

ambiental e a soltura de animais, em alguns casos era possível acompanhar o setor que fazia a destinação.

Os procedimentos realizados e acompanhados durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos estão listados na Tabela 1. Dentre os procedimentos efetuados com maior frequência destacam-se as aplicações de medicação via intramuscular (15,77%), subcutânea (13,72%), oxigenioterapia (8,68%), eutanásia (7,26%) e coleta de sangue (5,99%).

Tabela 1 – Procedimentos acompanhados ou realizados durante o período de estágio curricular em clínica médica de animais silvestres e *pets* não convencionais na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

PROCEDIMENTOS	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Aplicação de medicação via IM*	51	25	24	100	15,77
Aplicação de medicação via SC*	59	19	9	87	13,72
Oxigenioterapia	6	49	0	55	8,68
Eutanásia	7	38	1	46	7,26
Coleta de sangue	20	11	7	38	5,99
Nebulização	11	18	8	37	5,84
Fluidoterapia via SC*	10	15	11	36	5,68
Radiografia	16	13	7	36	5,68
Ultrassonografia	29	3	0	32	5,05
Acesso venoso	25	4	0	29	4,57
Aplicação de medicação via IV*	15	9	1	25	3,94
Triagem de indivíduos aptos à soltura	9	11	3	23	3,63
Colocação/troca de tala	3	18	0	21	3,31
Desgaste de bico/dentário	5	9	4	18	2,84
Limpeza de feridas	6	4	5	15	2,37
Alimentação por sonda	3	10	0	13	2,05
Osteossíntese de casco	0	0	8	8	1,26
Recolocamento de animais	1	7	0	8	1,26
Enriquecimento ambiental	3	3	1	7	1,10
Total				634	100

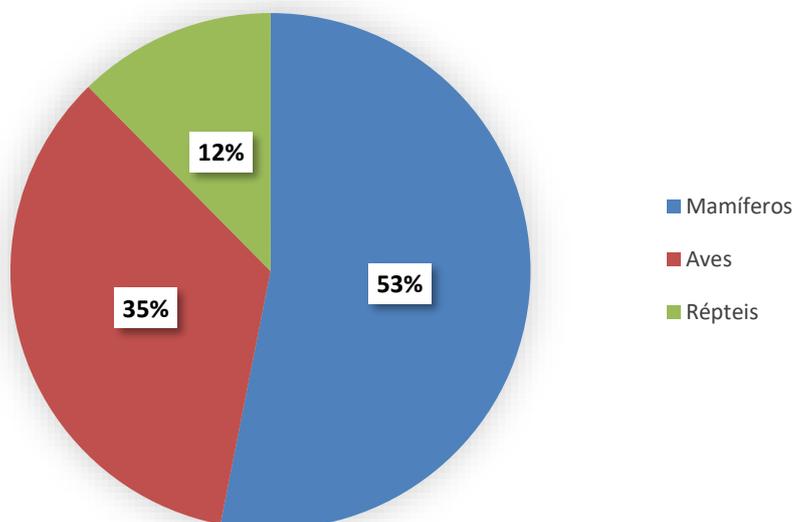
* IM: Intramuscular; SC: subcutânea; IV: intravenoso

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

3.2 CASUÍSTICA ACOMPANHADA

Durante o período de estágio foram acompanhados 81 atendimentos clínicos de *pets* não convencionais, esses foram divididos pela classe, representados no Gráfico 1. Neste destaca-se os mamíferos com 53% (43 animais), seguido por aves com 35% (28 animais) e répteis 12% (10 animais).

Gráfico 1 – Percentual de atendimentos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na clínica veterinária Toca dos Bichos, de acordo com a classe.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A tabela 2 apresenta a distribuição e total de casos em *pets* não convencionais classificados por espécie acompanhado na rotina do estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos. Nela destaca-se porquinho da índia (*Cavia porcellus*) representando 16% dos atendimentos, seguido por calopsita (*Nymphicus hollandicus*) 15%, coelho (*Oryctolagus cuniculus*), e rato twister (*Rattus norvegicus*), ambos representando 12% dos atendimentos.

Tabela 2 – Distribuição e total de casos em *pets* não convencionais classificados por espécie acompanhados na rotina do estágio na Clínica Veterinária Toca dos bichos.

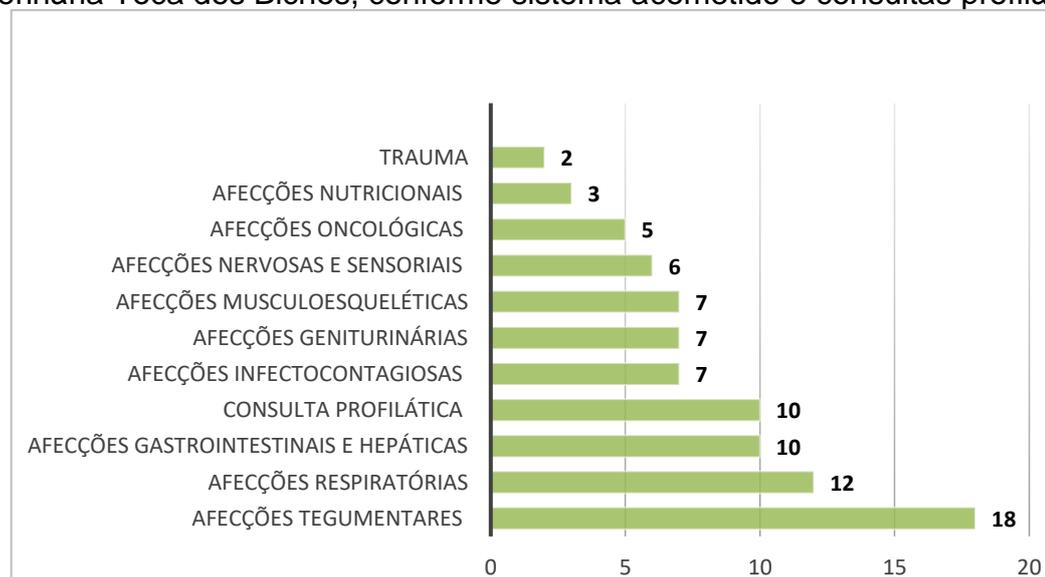
Espécie	Nome popular	Número de indivíduos	Total %
<i>Cavia porcellus</i>	porquinho-da-índia	13	16
<i>Nymphicus hollandicus</i>	calopsita	12	15
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	coelho	10	12
<i>Rattus norvegicus</i>	rato-twister	10	12
<i>Trachemys sp.</i>	tigre-d'água	6	7
<i>Serinus canaria</i>	canário-belga	5	6
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-veradeiro	3	4
<i>Cricetulus griseus</i>	hamster-chinês	4	5
<i>Myiopsitta monachus</i>	caturrita	2	2
<i>Chinchilla lanigera</i>	chinchila	2	2
<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-do-bico-verde	2	2
<i>Erinaceus europaeus</i>	hedgehog	2	2
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	jabuti-piranga	2	2
<i>Lagothrix lagotricha</i>	macaco-barrigudo	1	1
<i>Mesocricetus auratus</i>	hamster-sírio	1	1

<i>Melopsittacus undulatus</i>	periquito-australiano	1	1
<i>Gallus gallus</i>	galinha	1	1
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço	1	1
<i>Amazona pretrei</i>	papagaio-charão	1	1
<i>Boa constrictor</i>	jiboia	1	1
<i>Iguana iguana</i>	iguana	1	1
Total		81	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

O gráfico 2 apresenta as consultas profiláticas e os casos clínicos acompanhados, divididos em afecções, sendo as tegumentares (20,69%), respiratórias (13,79%) e gastrointestinais e hepáticas (11,49%) as de maior ocorrência. As afecções oncológicas, quatro em mamíferos e uma em aves, não estão dispostas em tabelas, pois não foi solicitado exame histopatológico por limites financeiros dos tutores, sendo assim não consta informação de qual o tipo e nem origem do tumor. A divergência no número de afecções e o total de animais atendidos se deve ao fato de alguns animais apresentarem mais de uma afecção.

Gráfico 2 – Casos clínicos acompanhados durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos, conforme sistema acometido e consultas profiláticas.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A Tabela 3 compreende os casos atendidos de afecções tegumentares sendo pododermatite a afecção mais comum (28%), seguida por hipercrecimento de bico (17%) e alopecia (11%).

Tabela 3 – Afecções tegumentares acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções tegumentares	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Pododermatite	4	1	0	5	28
Hipercrescimento de bico	0	2	1	3	17
Alopecia	2	0	0	2	11
Dermatite por contato	1	0	0	1	6
Otite interna	1	0	0	1	6
Quadro alérgico	0	0	1	1	6
Trauma de pena	0	1	0	1	6
Penoma	0	1	0	1	6
Infestação por piolho	0	1	0	1	6
Deformidade de bico	0	1	0	1	6
Laceração leve de pele	1	0	0	1	6
Total	9	7	2	18	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A Tabela 4 representa o total de afecções respiratórias, sendo 50% caracterizadas por pneumonias e 50% por afecções respiratórias alérgicas. O quadro respiratório alérgico está ligado, na maioria das vezes, ao manejo incorreto de ambiente, podendo estar associado também à outras causas como nutrição, infecções secundárias, entre outras.

Tabela 4 – Afecções respiratórias acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções respiratórias	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Quadro respiratório alérgico	4	2	0	6	50
Pneumonia	3	1	2	6	50
Total	7	3	2	12	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Entre as afecções gastrointestinais e hepáticas, destacam-se o hipercrescimento dentário e a estase intestinal, representando 50% e 20%, respectivamente, ambas acometeram mamíferos (Tabela 5).

Tabela 5 – Afecções gastrointestinais e hepáticas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções gastrointestinais e hepáticas	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Hipercrescimento dentário	5	0	0	5	50
Estase Intestinal	2	0	0	2	20
Retenção de fezes	1	0	0	1	10
Estomatite	0	0	1	1	10

Distúrbio gastrointestinal	0	1	0	1	10
Total	8	1	1	10	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A Tabela 6 compreende as afecções infectocontagiosas acompanhadas, podendo destacar a micoplasmose com 57% dos casos, sendo esse um diagnóstico presuntivo, e clamidiose, diagnóstico confirmado por exame de PCR, com 29% da casuística acompanhada.

Tabela 6 - Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções infectocontagiosas	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Micoplasmose	4	0	0	4	57
Clamidiose	0	2	0	2	29
Pasteurelose	1	0	0	1	14
Total	5	2	0	7	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

A tabela 7 compreende os casos de afecções geniturinárias, destacando a distocia em mamíferos e répteis (43%) e prolapso de cloaca em aves e répteis (29%).

Tabela 7 – Afecções geniturinárias acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções geniturinárias	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Distocia	1	0	2	3	43
Prolapso de cloaca	0	1	1	2	29
Prolapso de útero	1	0	0	1	14
Cistite	1	0	0	1	14
Total	3	1	3	7	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Na tabela 8 estão dispostas as afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina clínica, dentre elas, destacam-se fratura de membro pélvico e luxação de membro pélvico, ambas representam 29% dos casos acompanhados de afecções musculoesqueléticas.

Tabela 8 - Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções Musculoesqueléticas	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Fratura de membro pélvico	1	0	1	2	29
Luxação de membro pélvico	1	1	0	2	29

Fratura de casco	0	0	1	1	14
Fratura de membro torácico	0	1	0	1	14
Fratura de falange	0	1	0	1	14
Total	2	3	2	7	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Nas afecções nervosas e sensoriais destaca-se a convulsão (independente do motivo) com 33% dos casos. Também pode-se acompanhar um caso inconclusivo, no qual o paciente apresentava alteração comportamental, mas veio a óbito antes da conclusão sobre o diagnóstico (Tabela 9).

Tabela 9 - Afecções nervosas e sensoriais acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções nervosas e sensoriais	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Convulsão	0	2	0	2	33
Obstrução de ducto lacrimal	1	0	0	1	17
AVC*	1	0	0	1	17
Distúrbio comportamental	0	1	0	1	17
Inconclusivo	0	1	0	1	17
Total	2	4	0	6	100

*AVC: Acidente vascular cerebral.

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Em relação as afecções nutricionais, na Tabela 10, pode ser observado a mesma porcentagem (33%) de atendimentos em casos de hipoglicemia, hipovitaminose A e desnutrição.

Tabela 10 - Afecções nutricionais acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Afecções nutricionais	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Hipoglicemia	1	0	0	1	33
Hipovitaminose A	0	0	1	1	33
Desnutrição	0	1	0	1	33
Total	1	1	1	3	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Durante o período de estágio foram realizados outros tipos de atendimentos, aqueles não associados diretamente com casos clínicos e afecções específicas, descritos na Tabela 11. As consultas profiláticas, que representaram 77%, eram casos em que o tutor levava o animal para atendimento de rotina, dentre estes 10 atendimentos, estão inclusos 2 casos de entrega voluntária, quando o tutor não

apresentava condições/interesse em continuar com o animal (silvestre ou exótico). Nessas situações a clínica entrava em contato com os órgãos responsáveis para fazer o encaminhamento. Também estão citados na tabela casos de trauma (por razões desconhecidas), representando 23%.

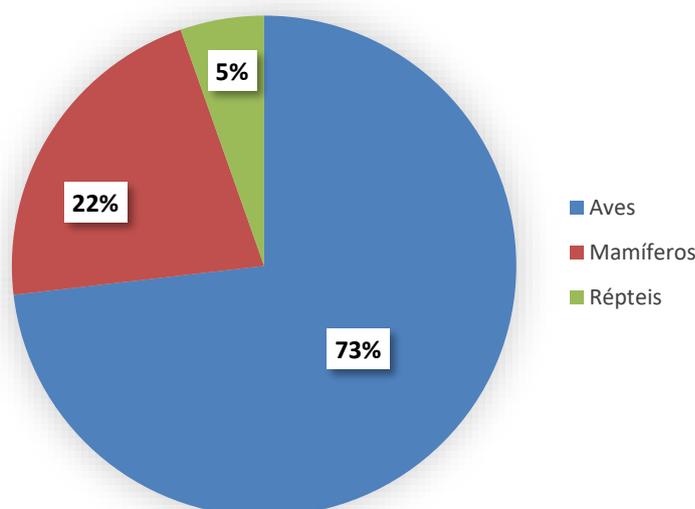
Tabela 11 – Outros atendimentos acompanhados na rotina clínica durante estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Outros atendimentos	Mamíferos	Aves	Répteis	Total	%
Consultas profilática	3	5	2	10	77
Trauma	0	3	0	3	23
Total	3	8	2	13	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Durante o período de estágio também foi acompanhado o recebimento de 298 animais pelo projeto Voluntários da Fauna, estes, divididos em aves que representam 73% (218 animais), mamíferos que representam 22% (64 animais) e répteis, 5% (16 animais) (Gráfico 3). Optou-se por relatar esses animais separados dos *pets* não convencionais, pois a maneira dos atendimentos, casuísticas e recebimento eram diferentes.

Gráfico 3 – Representação gráfica dos animais oriundos de vida livre recebidos pelo projeto Voluntários da Fauna, durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos dividida pela classe.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Os animais oriundos de vida livre, recebidos pelo projeto, eram registrados com números de identificação, definidos pelo número do mês que chegavam e a ordem de recebimento. Além destes, pode-se observar a presença de alguns animais domésticos na lista, estes eram recebidos, tratados e doados. Os dados de cada animal, data de recebimento, número de identificação, nome popular, nome científico, forma de recebimento e contato de quem entregou, ficavam dispostos em uma tabela, para posterior envio para setor da fauna da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul (SEMA-RS). Na tabela 12 é possível observar a distribuição total de espécies de animais atendidos pelo projeto Voluntários da Fauna, separados também pela classe, destacando pombas juriti com 78 indivíduos (26,17%) e gambá-de-orelha branca (38 indivíduos, 12,75%).

Tabela 12– Distribuição das espécies acompanhados em animais atendidos pelo projeto Voluntários da Fauna, durante o período de estágio na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Nome científico	Nome comum	Número de indivíduos	%
<i>Leptotila verreauxi</i>	pombo-juriti	78	26,17
<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelha-branca	38	12,75
<i>Columbina talpacoti</i>	pomba-rola	20	6,71
<i>Columba livia</i>	pomba-domestica	16	5,37
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	15	5,03
<i>Alouatta guariba</i>	bugio-ruivo	10	3,36
<i>Gallus gallus</i>	galinha	8	2,68
<i>Myiopsitta monachus</i>	caturrita	8	2,68
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	7	2,35
<i>Trachemys dorbogni</i>	tigre-d'agua	6	2,01
<i>Molossus sp.</i>	morcego	6	2,01
<i>Phrynosops geoffroanus</i>	cágado-de-barbicha	5	1,68
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	5	1,68
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato	4	1,34
<i>Zenaida auriculata</i>	pombo-de-bando	4	1,34
<i>Tyto furcata</i>	suindara	4	1,34
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	coelho	2	0,67
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda	2	0,67
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	2	0,67
<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-brejo	2	0,67
<i>Passer domesticus</i>	pardal	2	0,67
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	2	0,67
<i>Phyrrura frontalis</i>	tiriba-testa-vermelha	2	0,67
<i>Nymphicus hollandicus</i>	calopsita	2	0,67
<i>Agapornis personatus</i>	agapornis	2	0,67
<i>Molothrus bonariensis</i>	chopim	2	0,67
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaço-cinzeno	2	0,67

<i>Carcara plancus</i>	carcará	2	0,67
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-cauda-curta	2	0,67
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	1	0,34
<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado	1	0,34
<i>Coendou prehensis</i>	ouriço-cacheiro	1	0,34
<i>Asio stygius</i>	coruja-mocho-diabo	1	0,34
<i>Tupinambis merianae</i>	teiú	1	0,34
<i>Bubo virginianus</i>	coruja-jacurutu	1	0,34
<i>Trachemys sp.</i>	tigre-d'água-híbrido	1	0,34
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	1	0,34
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino	1	0,34
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau do-campo	1	0,34
<i>Muridae sp.</i>	ratinho	1	0,34
<i>Troglodytes aedon</i>	carruira	1	0,34
<i>Trachemys scripta elegans</i>	tigre-d'água	1	0,34
<i>Manzana nana</i>	veado-bororó	1	0,34
<i>Platalea ajaja</i>	colheireiro	1	0,34
<i>Pardirallus sanguinolentus</i>	saracura-do-banhado	1	0,34
<i>Melopsittacus undulatus</i>	periquito-australiano	1	0,34
<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-de-papo-branco	1	0,34
<i>Trachemys scripta</i>	Tigre-d'água-americana	1	0,34
<i>Falco sparverius</i>	gavião-quiri-quiri	1	0,34
<i>Cavia aperea</i>	preá	1	0,34
<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-do-bico-verde	1	0,34
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	1	0,34
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	1	0,34
<i>Oligoryzomys flavenses</i>	rato-do-arroz	1	0,34
<i>Mus musculus</i>	camundongo	1	0,34
<i>Cavia porcelus</i>	porquinho-da-índia	1	0,34
<i>Callonetta leucophrys</i>	marreca-de-coleira	1	0,34
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	1	0,34
<i>Patagioenas picazuro</i>	pombo-asa-branca	1	0,34
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	1	0,34
<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca	1	0,34
<i>Mesocricetus auratus</i>	hamster	1	0,34
<i>Serinus sp.</i>	pintagol	1	0,34
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	1	0,34
<i>Phimosus infuscatus</i>	maçarico-preto	1	0,34
<i>Aramus guarauna</i>	carão	1	0,34
<i>Ortalis squamata</i>	aracuã-escamoso	1	0,34
Total:		298	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

As divisões das afecções são diferentes das ocorridas em *pets* não convencionais, sendo esses divididos por conflito, muitos desses indivíduos chegavam sem histórico, não sendo possível uma anamnese completa (Tabela 13). Nesta casuística destaca-se o trauma (29,53%), atingindo um número alto de aves

(73). Os animais eram classificados nesse conflito quando chegavam sem histórico e com sinais compatíveis com algum trauma, como fratura, luxação e escoriações. O conflito que aparece em segundo lugar na tabela é recebimento de órfãos (27,85%), esses animais eram recebidos geralmente após a mãe ter vindo a óbito ou por interferência do ser humano no ninho (no caso das aves). Esses filhotes órfãos eram manejados de acordo com seu destino, filhotes que iriam retornar para a natureza eram criados como o uso de máscara, fantoches e outros manejos a fim de evitar o *imprinting*, onde o animal se reconhece como ser humano e não como um ser de sua espécie e associa a presença do ser humano com segurança e alimento (RAMOS, 2019). Estão também descritos 59 casos (19,8%) de animais que entraram em conflito com o ser humano, porém foram recolhidos e não sofreram impacto.

Tabela13 – Motivo dos recebimentos dos animais atendidos pelo Projeto Voluntários da Fauna, organizados por tipo de conflito.

Tipo de conflito	Aves	Répteis	Mamíferos	Total	%
Trauma	73	4	11	88	29,53
Órfãos	56	1	26	83	27,85
Conflito com ser humano (saudável)	38	7	14	59	19,80
Ataque de animal doméstico	11	3	9	23	7,72
Ataxia	11	0	2	13	4,36
Patologias infectocontagiosas	11	0	0	11	3,69
Diarreia	5	0	0	5	1,68
Chegou em óbito	2	0	1	3	1,01
Práticas religiosas	4	0	0	4	1,34
Apreensão	4	0	0	4	1,34
Atropelamento	1	0	1	2	0,67
Sarna*	1	0	0	1	0,34
Prolapso de pênis	0	1	0	1	0,34
Capturado por armadilha adesiva	1	0	0	1	0,34
	218	16	64	298	100

*Diagnóstico terapêutico

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Na Tabela 14 estão descritos os destinos dos animais após o atendimento, é importante destacar que a intenção é a recuperação e reabilitação desses animais, para que sejam recolocados no seu habitat natural. Na maioria dos casos acompanhados durante o estágio, os animais puderam ser recolocados (33,2%), que compreende animais em que a reabilitação era efetiva e conseguiu ser destinados a

vida livre, porém 27,85% dos animais vieram a óbito, isso pode estar ligado ao fato do enorme número de animais traumatizados atendidos, colaborando também para o número de realização de eutanásias (15,77%), essas eram realizadas em casos em que o animal tinha lesões incompatíveis com a vida, a fim de minimizar seu sofrimento. O item realocado compreende os animais domésticos, exóticos ou silvestres em que não houve sucesso na reabilitação, esses eram destinados, por órgãos ambientais, ao cativeiro, encaminhados para Mantenedor de Fauna ou Jardins Zoológicos. Também constam na tabela a presença de 48 animais (16,11%) que estavam em tratamento (processo de reabilitação) até o momento da finalização do estágio.

Tabela 14 – Destinação dos animais atendidos pelo Projeto Voluntários da Fauna, acompanhados durante o estágio curricular, na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

Destinação	Aves	Répteis	Mamíferos	Total	%
Recolocado	68	6	25	99	33,22
Óbito	59	2	22	83	27,85
Em tratamento	33	5	10	48	16,11
Eutanásia	42	0	5	47	15,77
Realocado	16	3	2	21	7,05
Total	218	16	64	298	100

Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

4 RELATOS DE CASOS CLÍNICOS

4.1 ABSCESSO SUBMANDIBULAR EM COELHO (*Oryctolagus cuniculus*).

Doenças odontológicas em lagomorfos são comuns (WU et al., 2017), entre elas, destacam-se a doença dentária adquirida dos coelhos, os abscessos dentários maxilares e/ou mandibulares associados a má oclusão (ALMEIDA, 2016). Além disso, abscessos faciais são comuns em coelhos e podem ser definidos como um acúmulo de pus contido dentro de uma cavidade orgânica. O pus em coelhos geralmente são massas firmes e não dolorosas e atingem a região submandibular ou lateral do rosto (HARCROURT–BROWN, 2002; OGLESBEE, 2011). A etiologia desses abscessos pode estar associada a alguma patologia dentária, essa pode ser endodôntica ou periodontal (a mais comum), sendo adquirida ou origem secundária a infecções em tecidos danificados por lesões (CORREA E FECCHIO, 2014; HARCROURT–BROWN, 2002; OGLESBEE, 2011).

Essa patologia inicialmente está associada a sinais clínicos poucas vezes perceptíveis, mas com a evolução e aumento do abscesso, os sinais agravam-se (VARGA, 2014). Segundo Pereira (2013), com o passar de tempo, o animal pode apresentar outros sinais, entre eles estão: tumefacções subcutâneas móveis ou aderentes ao nível da face ventral da mandíbula, sialorreia, ptialismo excessivo, anorexia, halitose, exoftalmia, dispneia inspiratória, ruídos respiratórios superiores e dacriocistite. Sendo esses sinais dependentes da localização do abscesso.

Para o diagnóstico é indispensável a anamnese detalhada, juntamente com o exame clínico completo (FARIA, 2009), o exame oral pode revelar algumas alterações dentárias e de tecidos moles (lacerações na língua e mucosa bucal superior de esporões/pontas são locais comuns) (REUSCH, 2008), e para a realização desta avaliação clínica é ideal a utilização de um endoscópio oral, espéculo nasal humano ou espéculo vaginal de cães (HAMLIN, 2013). Segundo Capello & Lennox (2012) o exame de imagem é de extrema importância, sendo a radiografia extraoral mais eficiente para que possa ser feita a visualização de toda cabeça do coelho.

O tratamento deve iniciar após identificação do problema inicial e o recomendado é cirúrgico, podendo ser complementado com tratamento clínico, utilizando antibioticoterapia e tratamento de suporte, como alimentação forçada, analgesia e fluidoterapia (CAPELLO, 2008). Segundo Capello (2006), o procedimento

cirúrgico deve ser feito com a remoção e desbridamento do osso, devido a osteomilite, facilitando assim a ação dos antibióticos. Além disso, deve ser feito o desbridamento e retirada total do abscesso, incluindo a cápsula (PEREIRA, 2013). Para a antibioticoterapia, é importante a realização de cultura e antibiograma, salientando que muitos antibióticos são tóxicos para coelhos. Destaca-se também a utilização de analgésicos, independente se o paciente demonstrar sinais de dor, podendo ser utilizados longo prazo, auxiliando o animal a retornar com os movimentos mastigatórios (PEREIRA, 2013).

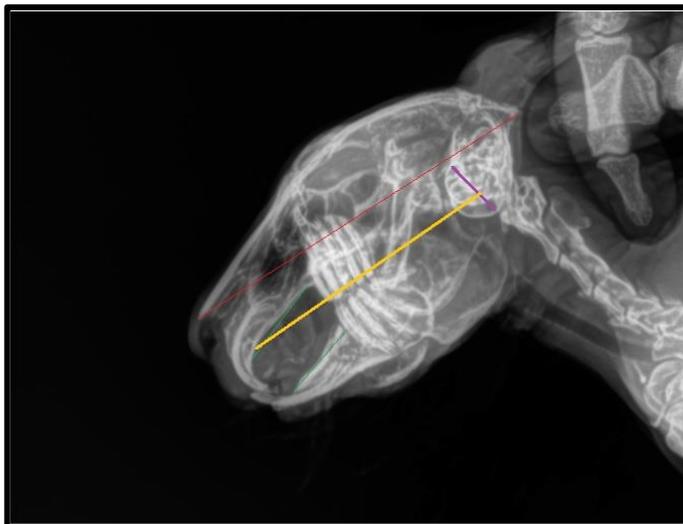
Este relato tem como objetivo descrever um caso de abscesso submandibular em coelho, atendido na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

4.1.1 Relato de caso

No dia 13 de março de 2020 foi atendido na Clínica Veterinária Toca dos Bichos, um coelho (*Oryctolagus cuniculus*) da raça *Mini Lion Head*, com um ano de idade, pesando 1,5 kg. Na anamnese a tutora relatou ter visto, no dia anterior a consulta, um aumento de volume na face e relatou que o animal estava com apetite seletivo há mais de uma semana, porém permanecia ativo e sem alterações nas fezes. No histórico do animal também constava uma briga com o cão da família, sendo que o coelho mordeu o cachorro e acabou fraturando os dois incisivos inferiores em junho de 2019.

No exame físico foi observado aumento de volume na arcada dentária inferior direita e desalinhamento nos dentes incisivos. O animal foi internado para realização de radiografia de crânio (Figura 11). No raio-x observou-se a ausência de parte do incisivo inferior do lado direito, sendo associado ao ataque ao cão no ano anterior.

Figura 11 – Radiografia de crânio de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) atendido na Clínica Veterinária Toca dos Bichos. Linha vermelha indica alongamento da apical superior e linha amarela má oclusão.



Fonte: Plenavet Diagnóstico por Imagem (2020).

Na radiografia de crânio foi observado hipercrecimento das coroas de reserva dos molares e pré-molares superiores e inferiores, tortuosidade das coroas de reserva dos molares inferiores bilateralmente, com halos de osteólise adjacente e má oclusão entre molares, pré-molares e incisivos. Diante do quadro clínico e percebendo que o caso provavelmente se tratava de um abscesso, optou-se pela realização de procedimento cirúrgico para análise. Com o paciente sedado e após a tricotomia foi possível observar a dimensão do aumento de volume (Figura 12).

Figura 12 – Paciente antes da realização do procedimento cirúrgico, observa-se o aumento de volume submandibular no lado direito da face.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

Durante o procedimento confirmou-se a presença de um abscesso na lateral direita da face, o mesmo tinha grande extensão atingindo a mandíbula, correndo risco iminente de osteomielite e fratura de mandíbula. Além disso, foi observado a ausência

de todos os dentes molares e pré-molares da arcada inferior direita. O procedimento de escolha foi a marsupialização, o mesmo consiste em drenagem do abscesso e posterior sutura dos bordos eventrados para cicatrização por segunda intenção (Figura 13). Esse procedimento é realizado nessas espécies pela característica do material infeccioso encontrado no interior do abscesso, diferente da maioria das espécies de mamíferos, neles ocorre um material mais denso e devido a essa característica não pode ser drenado com agulha. Durante o procedimento foi coletado material do abscesso para posterior exame bacteriológico e teste de sensibilidade ao antimicrobiano. Além da marsupialização, foi realizado o desgaste dentário.

Figura 13 – Paciente após a realização da marsupialização.



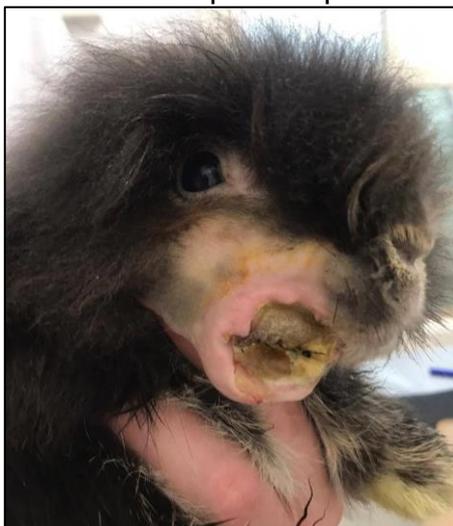
Fonte: Alessandra Roll (2020).

O animal ficou internado para estabilização durante 3 dias, nesse período, enquanto aguardava-se o resultado do antibiograma, foi realizado antibioticoterapia com Enrofloxacin 5 mg/kg, injetável, B.I.D, a analgesia foi feita com Tramadol, 0,7 mg/kg por via oral, B.I.D, intercalado com dipirona 8 mg/kg, via oral, S.I.D, durante 3 dias. Durante o período de internação o animal alimentou-se normalmente, com folhas verdes, como couve, feno e ração, não sendo necessário a alimentação forçada com seringa. Para a alta foi orientada à tutora limpeza com água oxigenada, soro fisiológico e após aplicação de Sulfadiazina de prata na forma de pomada. Foi receitado Tramadol, 0,7 mg/kg por via oral, B.I.D por mais 4 dias.

Quatro dias após a alta, o animal foi levado à clínica para retirada dos pontos, notou-se que a região do procedimento estava bastante edemaciada e com conteúdo que indicava infecção. Foi feito a aplicação de Dexametasona 1mg/kg injetável, dose

única, e limpeza local com solução fisiológica B.I.D. O resultado do exame bacteriológico indicou presença de *Pseudomonas* sp. (Anexo A). Sete dias depois, o animal voltou para clínica com visível complicação na cicatrização (Figura 14) e teve que ser sedado para realização de limpeza e debridagem da ferida. Durante o procedimento de limpeza foi realizada uma técnica que consiste na colocação de antibiótico impregnado em resina após debridagem, foi impregnado antibiótico no polímero (pó), antes de misturar com o monômero (líquido), essa técnica permite a liberação de antibiótico topicamente que consiste em aplicação de antibiótico local na lesão, a dose utilizada foi de 1g gentamicina em 20g de Metilmetacrilato, a retirada ocorreu 48h após a aplicação. O antibiótico de escolha foi baseado no resultado do teste de sensibilidade ao antimicrobiano (Anexo A).

Figura 14– Paciente durante a revisão, onze dias após o procedimento, onde o mesmo teve que ser sedado para limpeza com o profissional.



Fonte: Paulo Chiesa (2020).

Dia 8 de junho o animal retornou para revisão, o mesmo apresentava a região da marsupialização totalmente cicatrizada (Figura 15), assim o animal recebeu alta.

Figura 15 – Paciente após o tratamento para abscesso dentário, três meses após o primeiro atendimento na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.



Fonte: Charles Dal Zotto.

4.1.2 Discussão

Abscessos dentários são comuns em coelhos, tendo origem, geralmente, secundária a infecções em tecidos danificados por incisões cirúrgicas, principalmente reação aos fios de sutura, podem ser também por lesões causadas por mordida em brigas com outros coelhos ou com predadores como cães e gatos, trauma e feridas penetrantes ou corpos estranhos (CORREA E FACCHIO, 2014; HARCROURT–BROWN, 2002; OGLESBEE, 2011). O paciente em questão apresentou o abscesso, já de tamanho considerável, 6 meses após uma lesão grave causada por briga com um cachorro, tendo em vista a literatura, torna-se importante atentar-se a esse fato traumático como possível causa para origem do abscesso.

O coelho não apresentou sinais de apatia, tendo apenas um apetite seletivo, sem parar totalmente a ingestão de alimentos, durante todo o tratamento, inclusive no período pós-cirúrgico. Como podemos observar nos relatos já descritos, os abscessos periapicais geralmente resultam em osteomielite extensa, gerando microabscessos no interior do osso (HARCROURT–BROWN, 2002). Esses casos geralmente apresentam sintomas mais brandos ou nenhum sintoma, fazendo com que os proprietários não levem os animais ao médico veterinário (LENNOX, 2008), não apresentando também relação entre a sintomatologia e grau de osteomielite (CAPELLO, 2007).

Devido ao alto índice de mortalidade em decorrência das doenças dentárias em coelhos, o diagnóstico precoce é de extrema importância, obtido através de exames auxiliares, como radiografia de crânio, pois a evolução da doença irá afetar o tratamento e a resolução definitiva da mesma (ALMEIDA, 2016). No caso do paciente,

a tutora provavelmente demorou para notar o aparecimento do abscesso, e o mesmo acabou atingindo a parte óssea, gerando dificuldades na cicatrização.

A técnica cirúrgica de escolha foi a marsupialização, a mesma, segundo Capello (2006), consiste em realizar a excisão cirúrgica e retirada de todo abscesso, incluindo a cápsula, curetagem da parte óssea atingida, geralmente necrosada, sutura do tipo bolsa de tabaco dos tecidos adjacentes, seguindo de limpezas diárias e curetagens periódicas, até cicatrização total da ferida cirúrgica por segunda intenção. Tendo a cicatrização total em média 45 dias após intervenção cirúrgica. Essa técnica se mostra muito eficiente quando utilizada em lagomorfos, devido a composição caseosa dos debrís infecciosos das espécies pertencentes a essa ordem. Essa composição dificulta sua drenagem em feridas fechadas, sendo assim a marsupialização permite a cicatrização e drenagem com ferida aberta (CORREA E FACCHIO, 2014).

Após o paciente apresentar dificuldade na cicatrização, foi acrescentado outro tratamento tópico, baseado na descrição de Correa e Facchio (2014), que consiste na colocação de antibiótico impregnado em resina após debridagem. No paciente foi optado pelo uso de gentamicina, na dose de 1g de gentamicina para 20g de metilmetacrilato, diretamente no osso exposto após debridamento cirúrgico, dose descrita no formulário de animais exóticos, apresentada por Carpenter (2010).

A gentamicina foi um dos antibióticos que apresentou ação no resultado do teste sensibilidade ao antimicrobiano (Anexo A), que segundo sugestão de Correa e Facchio (2014), deve ser parâmetro avaliado na hora da escolha do antibiótico. O tratamento local para lesões em coelhos se torna importante pelo fato de antibióticos sistêmicos poderem levar a uma toxicidade nessas espécies (PEREIRA, 2013). Pereira (2013) ainda desaconselha o uso interno de Clindamicina e de Ampicilina, devido aos seus efeitos adversos sobre a microbiota intestinal, com conseqüente disbiose, diarreia e mesmo morte por enterotoxemia. Não tendo tanta absorção e, conseqüentemente, ação sistêmica com o uso local.

As complicações e tardia cicatrização podem estar ligadas a escolha do tratamento antimicrobiano inicial, visto que a bactéria presente no abscesso, *Pseudomonas* sp., foi apontada no resultado do teste sensibilidade ao antimicrobiano (Anexo A), como resistente ao antibiótico de escolha inicial (enrofloxacina).

4.1.3 Conclusão

Abscessos dentários em coelhos são comuns no atendimento clínico de *pets* não convencionais, sendo o tratamento de escolha o cirúrgico. A intervenção deve ser feita o mais rápido possível para evitar envolvimento ósseo, assim diminuindo o tempo de cicatrização. Os exames complementares como radiografia e exame bacteriológico são de extrema importância para instituir o tratamento pós-cirúrgico e fornecem um melhor prognóstico.

4.2 DISTOCIA EM UM JABUTI-PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*)

Atualmente, os répteis deixaram de ser apenas animais de vida livre ou de zoológicos para tornarem-se animais de companhia alternativos. Apesar da ausência de dados populacionais confiáveis, além de lagartos e serpentes, os tigrés d'água e jabutis são os répteis mais comumente mantidos como animais de estimação, sendo o jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*) possivelmente o réptil mais criado em cativeiro doméstico. Devido à falta de orientação e conhecimento dos tutores, várias doenças são decorrentes de manejo inadequado dessas espécies. (CARVALHO, 2013; SILVA, 2015).

Os jabutis são quelônios de hábitos terrestres, pertencentes à família Testudinidae, sendo essa a segunda maior família da ordem Testudines em número de espécies (ERNST; BARBOUR, 1989). De todos os répteis atuais os quelônios são os que possuem a maior longevidade, com muitos passando de 50 anos em cativeiro (O'MALLEY, 2005). Os jabutis são adaptados anatomicamente para suportar o peso do casco e caminhar em ambientes rústicos (CUBAS; BAPTISTOTTE, 2007), tendo como características as patas robustas como pilares, com cinco dedos, um casco ósseo bastante côncavo e alto, recoberto por placas córneas com manchas amareladas ao centro e recolhem o pescoço caudalmente para dentro do casco (FARIA; MARIANA, 2001).

Todos os quelônios são ovíparos, termo utilizado para um estágio intermediário onde o embrião já está pronto para nascer quando o ovo é colocado. (KIRCHGESSNER; MARK, 2009; O'MALLEY, 2005). Sendo assim eles podem apresentar problemas na postura desses ovos, segundo Mader (1996) o termo distocia é utilizado, de forma geral, para qualquer situação de fracasso pela fêmea no processo reprodutivo. Este quadro em quelônios pode ser diagnosticado após um intervalo superior a 48 horas de ocorrência do início da ovoposição. Como resultado da retenção dos ovos, podem ocorrer diversos distúrbios fisiológicos, que podem levar ao óbito do animal.

A distocia nesses animais pode envolver diversos fatores, como ovos grandes ou deformados, trauma, infecção bacteriana, distúrbios endócrinos, atonia muscular e fotoperíodo anormal. Sendo importante destacar que esses fatores geralmente estão associados com manejo, ambiental e térmico, incorretos (MATHIAS et al., 2006).

Segundo Jepson (2010), em casos de suspeita de distocia, deve-se recorrer sempre aos exames complementares, como a radiografia, para auxiliar no diagnóstico de retenção de ovos. Além disso intervenções cirúrgicas são indicadas quando as técnicas clínicas não invasivas fracassaram na resolução de distocias ou quando existirem evidências de que a ovipostura não é possível (DIVERS e STAHL, 2019). Logo, o objetivo deste relato é apresentar um caso de distocia em jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*) atendido na Clínica Veterinária Toca dos Bichos.

4.2.1 Relato de caso

Chegou para atendimento dia 22 de maio de 2020, na Clínica Veterinária Toca dos Bichos, uma jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), fêmea, de aproximadamente 20 anos, pesando 3,2 kg. Na anamnese a tutora relatou que o animal estava com alteração de comportamento há uma semana, apresentando-se mais agitada e visivelmente ansiosa, andando bastante pela casa. A tutora estava realizando banhos com água morna uma vez ao dia, até que o animal fez a postura de um ovo, alongado e já iniciando calcificação. A tutora relata, também, que durante o dia o animal vivia no pátio, tendo acesso a piso de concreto e grama, sendo recolhido a noite sem fornecimento de temperatura adequada. Segundo a descrição da alimentação fornecida, essa era correta. Frente a este caso foi solicitado radiografia do animal (Figura 16), na qual pode-se observar a presença de dois ovos, sendo que um deles apresentava deformidades (laudo em Anexo B).

Figura 16 – Radiografia de uma jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), fêmea, em projeção ventrodorsal, apresentando dois ovos retidos, sendo um deles de menor tamanho e apresentando deformidades na conformação.

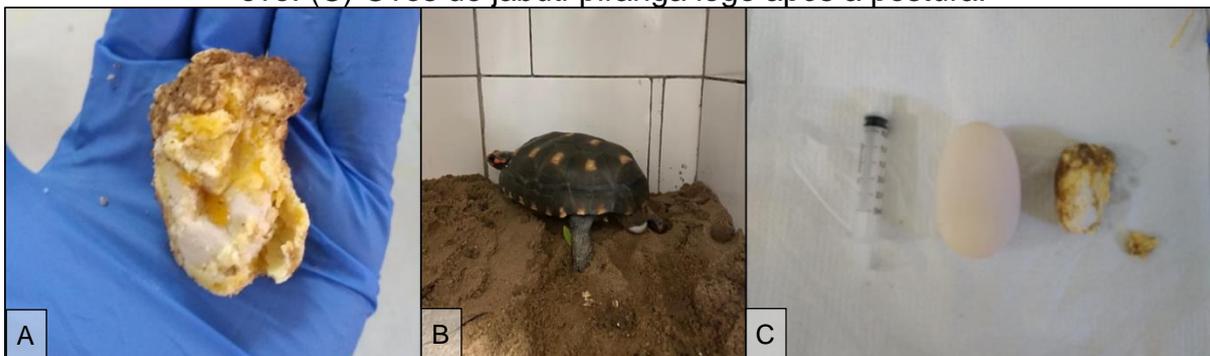


Fonte: Dr. Eduardo Wolf de Lemos diagnóstico por imagem (2020).

Após avaliação da radiografia, foi solicitado manter os banhos com água morna e aumentar a frequência, para 2 vezes ao dia, também foi orientado que o animal ficasse em ambiente aquecido e em caso de, em dois dias, não houvesse a postura dos ovos o animal deveria ser internado. Dia 26 de maio o animal retornou, sem ter realizado a postura dos ovos, assim, o mesmo foi internado para tentativa por indução medicamentosa.

O animal ficou internado em um ambiente aquecido e com uma camada grossa de areia por cima do aquecedor. Depois de uma hora neste local, após o ambiente estar aquecido, foi aplicado Borogluconato de Cálcio, na dose de 20 mg/kg, por via intramuscular, e após uma hora foi administrado Ocitocina na dose de 10 ui/kg, por via intramuscular. Após uma hora e trinta minutos desta última aplicação, o animal realizou a postura de um ovo, o qual estava deformado, com a casca espessa, porém frágil e rompeu-se (Figura 17A), 15 minutos após a primeira postura, o animal expeliu o ovo restante (Figura 17B), este apresentava aspecto normal (Figura 17C).

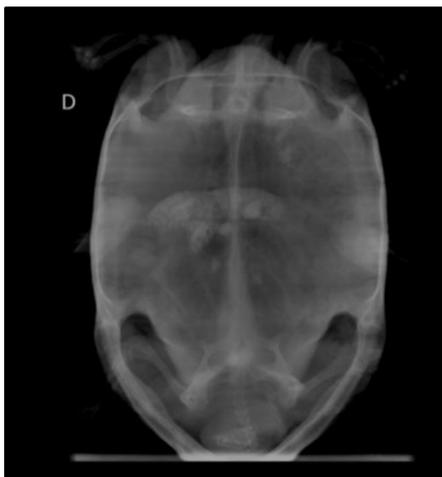
Figura 17 – (A) Ovo de jabuti-piranga minutos após a postura, apresentando casca espessa, porém frágil. (B) Jabuti-piranga no momento da postura do segundo ovo. (C) Ovos de jabuti-piranga logo após a postura.



Fonte: Carolina Depelegrin (2020).

O animal passou por novo exame radiográfico para a comprovação que havia feito a postura total dos ovos (Figura 18, laudo em Anexo C). Esta apresentou apenas a presença de fezes.

Figura 18 – Radiografia de uma jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), fêmea, em projeção ventrodorsal, apresentando apenas a presença de fezes.



Fonte: Dr. Eduardo Wolf de Lemos diagnóstico por imagem (2020).

4.2.2 Discussão

Segundo Werther (2014), a avaliação clínica de quelônios se dá, principalmente, por uma boa anamnese, geralmente relatadas alterações de comportamentos pelos tutores, devido ao fato de difícil percepção durante o exame físico. O que pode ser observado no presente caso visto que a tutora relatou que o animal estava com alteração de comportamento há uma semana, apresentando-se mais agitada e visivelmente ansiosa, andando bastante pela casa.

O exame radiográfico foi essencial para a conclusão do diagnóstico do caso de distocia apresentado, confirmado por Gumpenberger (2017), que afirma a eficácia do diagnóstico por imagem, principalmente em quelônios onde a carapaça dificulta o exame físico. Porém, como orienta De Nardo (1996), é difícil chegar à conclusão somente com a radiografia, pois a mesma pode apresentar um quadro gestacional normal, assim se mostra de extrema importância a associação da avaliação clínica e principalmente comportamental da paciente. Além disso, é fundamental observar a conformação do ovo, sendo indicado possível distocia quando a conformação do mesmo não está dentro do padrão normal, como pode-se relatar no presente caso.

Jepson (2010) relata que, em caso de distocia não obstrutiva, confirmada pela radiografia, deve ser fornecido um ambiente correto, incluindo temperatura, umidade e câmaras de ninho apropriadas (como fornecimento de terra ou areia) podem induzir a deposição normal de ovos. Neste caso, essas condições só foram fornecidas quando o animal foi internado na clínica, favorecendo a sua resolução. Jepson (2010) ainda afirma que se mesmo nessas situações ainda não ocorrer a postura dos ovos,

sugere-se a indução medicamentosa com Cálcio (100 mg/kg) e ocitocina (1-10 UI/kg) administrada uma hora após o cálcio, o que foi realizado no caso apresentado visto que o animal não realizou a postura após enriquecimento ambiental. Porém foi utilizado uma dose de cálcio (20 mg/kg, via IM) abaixo do indicado por Jepson (2010), mas dentro do padrão citado por Carpenter (2010) (10-50 mg/kg). Quanto ao uso de Ocitocina, Carpenter (2010) indica o uso de 1-20 UI/kg, sendo o utilizado 10 UI/kg na paciente, onde a ovipostura foi concluída uma hora e quarenta e cinco minutos após a aplicação. Uma resposta fraca ao uso da ocitocina pode ser causada por uma baixa concentração de cálcio no organismo, por isso é indicado a administração de cálcio, que aumenta a força das contrações uterinas. Além disso, geralmente o cálcio é utilizado antes da ocitocina, melhorando as forças de contrações antes de aumentar a frequência (CUBAS; BAPTISTOTTE, 2007; LUZ, 2015).

As distocias nos quelônios de cativeiro podem estar associadas a erros de manejo ambiental (Kirchgessner; Mitchell 2009), como pode-se observar no presente relato, visto que o ambiente não era adequado para realização de ovopostura, o que pode ter ocasionado a retenção dos ovos. O animal também não possuía um ambiente que fornecesse um controle adequado de temperatura, fato este confirmando por Goulart (2004) como ambientes termicamente estressantes, que podem prejudicar o desempenho fisiológico do animal, em consequência dos efeitos deletérios do seu próprio mecanismo de termorregulação, sendo assim, muitas funções de ovários e outros órgãos relacionados com a reprodução são prejudicados (GOULART, 2004).

4.2.3 Conclusão

A distocia é uma condição patológica comum entre os quelônios mantidos como *pets*, sendo a causa, na maioria das vezes, o manejo ambiental incorreto. Cabe ao médico veterinário orientar os tutores desses animais para que forneçam condições ambientais e térmicas adequadas, e quando isso não for possível, que o animal passe por avaliação clínica e radiológica minuciosa para que o tratamento seja efetivo, como ocorrido no caso descrito.

5 CONCLUSÃO

Durante as 480 horas de estágio foi possível acompanhar o atendimento clínico de 81 *pets* não convencionais, sendo 53% mamíferos, 35% aves e 12% répteis, e recebimento e atendimento de 298 animais de vida livre, pelo projeto Voluntários da Fauna, sendo essas 73% aves, 22% mamíferos e 5% répteis. Dentre os atendimentos, foram descritos dois casos clínicos acompanhados, um sobre abscesso submandibular em coelho e outro sobre distocia em jabuti-piranga. Ambos os casos escolhidos apresentaram boa resolução com a intervenção do médico veterinário. Destaca-se a importância desses casos pois ambos são relativamente comuns dentro da clínica de *pets* não convencionais, sendo relevante abordar a conduta clínica acompanhada.

O estágio curricular obrigatório foi de grande importância, reafirmando a área de interesse. A escolha do local de estágio foi satisfatória, atendendo as expectativas, tanto ao fluxo de atendimento quanto a equipe, a qual contribuiu muito para a formação do estagiário curricular, permitindo o desenvolvimento das habilidades e possibilidades de execuções práticas. Desta maneira, este período foi uma experiência extremamente gratificante e de grande amadurecimento pessoal e profissional, possibilitando a reflexão sobre a futura área de atuação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Margarida Gomes. **Doenças da cabeça do coelho: descrição de casos clínicos com diagnóstico imaginológico**. 2016. Dissertação (Mestre em Medicina Veterinária no curso de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) — Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2016.
- CAPELLO, Vittorio. Diagnosis and Treatment Of Dental Disease in Pet Rabbits and Rodents: a review. **Journal of Exotic Pet Medicine**, v. 17, n. 2, p.114-123, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222201622_Diagnosis_and_Treatment_of_Dental_Disease_in_Pet_Rodents. Acesso em: 22 abr. 2020.
- CAPELLO, Vittorio; LENOX, Angela. M. Clinical radiology of exotic companion mammals. **Australian Veterinary Journal**, v. 90, n. 1, p. 53-87, 2012. DOI 10.1111/j.1751-0813.2011.00881.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2797350/>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- CAPELLO, Vitório. Management of Difficult Periapical Infections in Rabbits. *In: Annual Association of Avian Veterinarians Conference and Expo, 28., 2007 Providence, RI, USA. Proceedings [...].* Bedford: Association of Avian Veterinarians, 2007. p. 91-97. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.622.9226&rep=rep1&type=pdf#page=99>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- CAPELLO, Vitorio. Surgical treatment of periapical mandibular abscess in rabbits. **Proceedings of North America Veterinary Conference**, 2006.
- CARPENTER, James W. **Formulário de animais exóticos**. 3. Ed. São Paulo: MedVet, 2010. P.421.
- CARVALHO, Clarissa Machado de. **Acessos cirúrgicos à cavidade celomática em quelônios**. 2013. Monografia. (Conclusão do Curso de Medicina Veterinária) - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2013.
- CORRÊA, Herbert Lima; FECCHIO, Roberto Silveira. Odontoestomatologia em Roedores e Lagomorfos. *In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. Tratado de Animais Selvagens - Medicina Veterinária*. 2 ed. São Paulo: Roca, 2014, Cap. 105.
- CUBAS, Patricia. Hoerner; BAPTISTOTTE, Cecilia. Chelonia (Tartaruga, cágado, jabuti). *In: CUBAS, Zalmir Silvino; SILVA, Jean C. Ramos; CATÃO-DIAS, José Luiz. Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária*. 1. ed. São Paulo: Roca, 2007.
- DE NARDO, Dale. Dystocias. *In: MADER, D.R. Reptile medicine and surgery*. Philadelphia: Saunders, 1996. Cap.42.

DIVERS, Stephen; STAHL, Scott. **Mader's Reptile and Amphibian Medicine and Surgery**. 3. Ed. Missouri: Saunders, 2019. Disponível em: <https://www.elsevier.com/books/maders-reptile-and-amphibian-medicine-and-surgery/divers/978-0-323-48253-0>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ERNST, Carl H; BARBOUR, Roger W. **Turtles of the world**. Washington, D.C: Smithsonian, 1989.

GUMPENBERGER, Michaela. **Diagnostic Imaging of Reproductive Tract Disorders in Reptiles**. Veterinary Clinics of North America: Exotic Animal Practice, Austria: Elsevier, p. 327–343, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28340886/>. Acesso em: 03 jul, 2020.

GOULART, Carlos E. S. **Herpetologia, herpetocultura e medicina de répteis**. Rio de Janeiro: LF Livros de Veterinária, 2004. P. 109-110.

FARIA, Paulo João Santos Felipe. Patologia Dentária em Mamíferos Exóticos. 2009. Dissertação (Mestrado integrado em Medicina Veterinária) — Universidade de Lisboa. Lisboa, 2009. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2574>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FARIA, Tânia Negreiros; MARIANA, Arani N. Bonfim. Origens e ramificações das artérias aortas esquerda e dorsal do jabuti (*Geochelone carbonaria*, Spix, 1824). **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo:, v.38, p.155-159, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bjvras/v38n4/9698.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

HAMLIN, Jennifer. Causes, examination and treatment of dental disease in rabbits. **The Veterinary Nurse**. V. 4, n. 3, p. 156–166, ago. 2013. Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/vetn.2013.4.3.156>. Acesso em: 22 abr. 2020.

HARCOURT-BROWN, Frances. Textbook of Rabbit Medicine. Great Britain: Butterworth-Heinemann, 2002.

JEPSON, Lance. Jabutis e Cágados. In: **Clínica de Animais Exóticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 358-410.

KIRCHGESSNER, Megan; MITCHELL, Mark A. Chelonians. In: TULLY, Thomas N; MITCHELL, Mark A. **Manual of Exotic Pet Practice**. Missouri: Elsevier, 2009.

LENOX, Angela M. Diagnosis and Treatment of Dental Disease Pet Rabbits. **Journal of Exotic Pet Medicine**, Indianapolis, v. 17, n. 2, p.107-113, junho 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1557506308000232>. Acesso em: 4 abr. 2020.

LUZ, M. R; MÜNNICH, A; VANNUCCHI, Camila Infantsi. Novos enfoques na distocia em cadelas. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte, CBRA, v. 39, n. 3, p. 354-361, 2015. Disponível em:

[http://www.cbra.org.br/pages/publicacoes/rbra/v39/n3/p354-361%20\(RB588\).pdf](http://www.cbra.org.br/pages/publicacoes/rbra/v39/n3/p354-361%20(RB588).pdf). Acesso em: 06 jul. 2020.

MADER, Douglas R. Reptile medicine and surgery. Philadelphia: Saunders, 1996. 512p.

MATHIAS et al. Aspectos fisiopatológicos da retenção de ovos em Jabutipiranga (*Geochelone carbonaria* Spix, 1824). **Revista Ciência Rural**, Santa Maria, v. 36, n.5, p. 1494 – 1500, set- out, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01034782006000500023&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2020.

OGLESBEE, Barbara L. **Blackwell's Five-Minute Veterinary Consult: Small Mammal**. 2. ed. Arnes, AI, United States: Wiley-Blackwell, 2011. 270 p.

O'MALLEY, Bairbre. **Clinical Anatomy and Physiology of Exotic Species: Structure and function of mammals, birds, reptiles and amphibians**. Elsevier Saunders, London, 2005.

PEREIRA, Ângela Sofia Truta. **Abcessos Dentários em Coelhos**, 2013. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2013. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/handle/10348/3266>. Acesso em: 13 jun. 2020.

RAMOS, Carolina Aparecida. **Manual sobre Alimentação de Filhotes de Animais Silvestres**. 1 Ed. Ribeirao Preto: Polegatto, 2019. p 07.

REUSCH, Brigitte. Odontogenic abscesses in rabbits: guide to problem. **Vet Times**. jan. 2008. Disponível em: <https://www.vettimes.co.uk/article/odontogenic-abscesses-in-rabbits-guide-to-problem/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SILVA, Namá Santos. **Espécimes recebidos no centro de triagem de animais silvestres de Salvador/BA durante os anos de 2012 a 2014**. 2015. Dissertação (Conclusão do curso de Medicina Veterinária) — Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19504/1/TCC%20%20Nam%C3%A1%20Santos%20Silva.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

VARGA, Molly. (2014). Textbook of rabbit medicine, 2ª Ed. Inglaterra. Elsevier Ltd.

WERTHER, Karin. Semiologia de animais selvagens. In: FEITOSA, Francisco Leydson F. **Semiologia Veterinária – A arte do diagnóstico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2014. Cap. 16.

WU, Stacy; PICCOLI, Ronaldo José; OLIVEIRA, Mariana Reffati; CARVALHO, Anderson Luiz. Protocolo de Avaliação Radiográfica Odontológica de Coelhos. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, Umuarama. V. 4, n. 2, p.64, 2017.

**ANEXO A – LAUDO DO EXAME BACTERIOLÓGICO E TESTE DE SENSIBILIDADE
AO ANTIMICROBIANO *Pseudomonas* sp EM MATERIAL COLETADO DO
ABSCESSO SUBMANDIBULAR DE COELHO.**



PATHOS* - LABORATÓRIO DE PATOLOGIA VETERINÁRIA
Rua Artigas, 54 – Bairro Petrópolis - Porto Alegre – RS CEP 90670-120
Fone: Fax (051) 3383 1256 E-mail: laboratoriodopathos@gmail.com

RESULTADO DE EXAME Nº 926283

<p>Nome: [REDACTED] Espécie: Lagomorfo Raça: Mini Lyon Head Sexo: M Idade: 1 ano Ficha: Data da entrada: 17/03/2020</p>	<p>Proprietário: [REDACTED] Requisitante: MV Alessandro Roll Clínica: Toca dos Bichos Material enviado: Swab de abscesso Data da saída: 20/03/2020</p>
--	--

EXAME BACTERIOLÓGICO:

Resultado: Submetido o material em meios específicos para crescimento bacteriano em aerobiose a 37° C, verificou-se que houve crescimento compatível com *Pseudomonas* sp.

TESTE DE SENSIBILIDADE AO ANTIMICROBIANO *Pseudomonas* sp.

Amicacina	S
Ampicilina	R
Amoxicilina com Ácido Clavulânico	R
Cefalexina	R
Ceftiofur	R
Ceftazidima	R
Ceftriaxona	R
Ciprofloxacina	S
Doxiciclina	R
Enrofloxacina	R
Gentamicina	S
Marbofloxacina	S
Sulfazotrim	R
Tetraciclina	R

Interpretação:

Seleção dos agentes antimicrobianos:

Para o(s) microrganismo(s) isolado (s), a seleção segue conceitos de eficácia clínica, prevalência de resistência, minimização de surgimento de resistência e atuais recomendações consensuais para drogas de primeira escolha e drogas alternativas.

Referência Bibliográfica: Clinical and Laboratory Standards Institute (CLSI) /NCCLS#M100(Padrões de desempenho para C.I.M.:

S = sensível:

O microrganismo é **INIBIDO** pelas concentrações normalmente alcançáveis pelo agente antimicrobiano com doses normais padronizadas, para o sítio de infecção.

I = intermediário:

O agente antimicrobiano se aproxima mas não atinge os níveis sanguíneos e tissulares desejáveis e as taxas de resposta terapêutica podem ser inferiores se comparadas aos antimicrobianos sensíveis.

R = resistente:

O microrganismo **NÃO É INIBIDO** pelas concentrações normalmente alcançáveis pelo agente antimicrobiano com doses normais padronizadas, para o sítio de infecção.

Conferido por: Rosemari T. Oliveira
RT – CRMVRS -1508

ANEXO B – LAUDO RADIOGRÁFICO DE UM JABUTI-PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*) COM DISTOCIA.



Cidade: Porto Alegre

Data: 22/05/2020

Nº. do Exame: 158

Nome do animal: [REDACTED]

Espécie: Quelonea

Idade: 20 anos

Raça: Jabuti

Sexo: Fêmea

Prop.: [REDACTED]

Méd. Vet.: Dra. Gleide Marsicano

LAUDO RADIOGRÁFICO

Cavidade Celomática
(Projeções CC e DV em melhor adaptação)
Exame realizado sem contenção química

- A imagem radiológica de Cavidade Celomática observa-se:
- Densidade de campos pulmonares dentro de um padrão fisiológico;
- Presença de dois ovos;
- Sem maiores alterações radiográficas evidentes.

OBS.: Este é um exame complementar. O resultado deste exame não responsabiliza o médico veterinário que o realizou de qualquer diagnóstico, procedimento e tratamento após o laudo deste.

Eduardo Wolf de Lemos
CRMV-RS 07690

ANEXO C – LAUDO RADIOGRÁFICO DE UM JABUTI-PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*) APÓS A POSTURA TOTAL DOS OVOS.



Cidade: Porto Alegre

Data: 11/06/2020

Nº. do Exame: 197

Nome do animal: [REDACTED]

Espécie: Quelonea

Idade: 20 anos

Raça: Jabuti

Sexo: Fêmea

Prop.: [REDACTED]

Méd. Vet.: Dra. Gleide Marsicano

LAUDO RADIOGRÁFICO

Cavidade Celomática

(Projeções LL e VD em melhor adaptação)

Exame realizado sem contenção química

- A imagem radiológica de Cavidade celomática observa-se:
- Campos pulmonares com a densidade normal;
- Presença de fezes, assim como a presença de corpos estranhos radiopacos, compatíveis com a saída;
- Demais estruturas sem maiores alterações radiográficas.

OBS.: Este é um exame complementar. O resultado deste exame não responsabiliza o médico veterinário que o realizou de qualquer diagnóstico, procedimento e tratamento após o laudo deste.

Eduardo Wolf de Lemos
CRMV-RS 07000